



Organizadoras

Eliane Michelini Marraccini

Maria Helena Fernandes

Marta Rezende Cardoso

PSICANÁLISE

Limites de Eros

2ª edição

Blucher

LIMITES DE EROS

2ª edição

Organizadoras

Eliane Michelini Marraccini

Maria Helena Fernandes

Marta Rezende Cardoso

Limites de Eros

© 2012 Eliane Michelini Marraccini, Maria Helena Fernandes, Marta Rezende Cardoso e Silvana Rabello (organizadoras)

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

1ª edição – 2012, Primavera Editorial

2ª edição – 2022, Editora Blucher

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Bárbara Waida

Preparação de texto Carolina do Vale

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Special n. 32, de Georgia O'Keefe. Pastel sobre papel, 1915.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Limites de Eros / organizado por Eliane Michelini
Marraccini, Maria Helena Fernandes, Marta Rezende
Cardoso. – 2. ed. – São Paulo: Blucher, 2022.
254 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-123-9 (impresso)
ISBN 978-65-5506-124-6 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Psicologia clínica
3. Psicopatologia I. Marraccini, Eliane Michelini
II. Fernandes, Maria Helena IV. Cardoso, Marta
Rezende

21-4743

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	7
<i>Marta Rezende Cardoso</i>	
A face clínica do indivíduo insuficiente	15
<i>Claudia Amorim Garcia</i>	
Sob a sombra de si: um eu em ruína	41
<i>Eliane Michelini Marraccini</i>	
Os limites de Eros na melancolia e no luto	61
<i>Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	
A psicossomática no espectro da psicopatologia psicanalítica	89
<i>Flávio Carvalho Ferraz</i>	
Mãe e filha... Uma relação tão delicada...	105
<i>Maria Helena Fernandes</i>	

Responsabilidade e resposta no crime de abuso sexual <i>Maria Teresa de Melo Carvalho</i>	147
Construções e figurabilidade em análise: vias de abertura à representação? <i>Marta Rezende Cardoso e Raquel Rubim del Giudice Monteiro</i>	167
“A sexualidade ampliada no sentido freudiano”: breves considerações sobre psicanálise e direito <i>Paulo de Carvalho Ribeiro</i>	189
Morrer em análise <i>Rubens Marcelo Volich</i>	205
Sobre as bordas na clínica com as psicoses e na construção dos objetos no laço mãe-bebê <i>Silvana Rabello</i>	225
Sobre os autores	249

Apresentação

Marta Rezende Cardoso

Temos o prazer de oferecer ao leitor uma nova edição de *Limites de Eros*, obra coletiva dedicada a temas de grande relevância e especial presença no debate atual do campo da psicanálise. A primeira edição do livro foi publicada no ano de 2012, quando já observávamos claro interesse no aprofundamento de questões que, de modo mais ou menos direto, remetem à noção de limite. Esta é perpassada por elementos clínicos e teóricos, entrelaçados de modo particularmente estreito e complexo. Foi assim que emergiu, naquele momento, o desejo de compartilhar experiências e reflexões, em cuja base se situava a nossa prática enquanto psicanalistas e pesquisadoras. Passada quase uma década, é muito gratificante a oportunidade de ampliar este projeto por meio da publicação de outra edição, num movimento de abertura e convocação do interesse de novos leitores.

No intervalo transcorrido entre as duas edições, viemos lamentavelmente a sofrer a triste e dolorosa perda de uma das organizadoras desta coletânea, autora também de um dos capítulos que a compõem: nossa querida amiga Silvana Rabello. Nossa memória

permanece e permanecerá para sempre habitada pela bela lembrança dos momentos de encontro e de troca tão especiais que com ela tivemos. Oferecendo-nos sua intensa e suave presença, seu talento, suas ideias e sua generosidade na transmissão de uma experiência clínica singular, ela em muito contribuiu, por mais de uma vez, para enriquecer e frutificar nosso trabalho conjunto. Tivemos diversas oportunidades de intercâmbio com a querida Silvana, juntamente com as outras organizadoras do livro, por meio do compartilhamento de nossos trabalhos apresentados em eventos, como aquele que veio a motivar e ancorar a produção deste material a cuja leitura convidamos mais uma vez, agora em nova edição.

A ideia desta coletânea surgiu a partir de um simpósio que se realizou no IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental (X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental), na cidade de Curitiba, em setembro de 2011, evento promovido pela Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF). Sob minha coordenação, o simpósio foi dedicado justamente ao tema “Limites de Eros: desafios da clínica psicanalítica” e contou com as apresentações de trabalho das quatro organizadoras deste livro. Entusiasmadas e instigadas pela rica discussão que essa temática suscitou, tivemos, então, o desejo e a iniciativa de publicar este material, que veio a ser em muito enriquecido pela contribuição de vários outros colegas, todos professores, pesquisadores e clínicos, que prontamente aceitaram o convite que lhes foi feito, dispondo-se a colaborar e a participar ativamente deste projeto.

Contemplando múltiplas vertentes de análise, o livro oferece a apreciação de distintas situações clínicas, nas quais se coloca a questão dos limites do trabalho psíquico, o trabalho de Eros. Os artigos que o compõem contemplam, de forma especialmente integrada, elementos teóricos e clínicos relativos a vivências

A face clínica do indivíduo insuficiente

Claudia Amorim Garcia

A sociedade ocidental contemporânea vem atravessando mudanças normativas extremamente significativas, que transformaram nossa maneira de viver e nos relacionar. Ao que tudo indica, estamos nos deslocando de uma experiência coletiva para outra que mal se delinea, mas cujas consequências psíquicas vêm se tornando cada vez mais evidentes.

A nova configuração do espaço social que hoje parece predominar é herdeira de longo processo histórico que alcançou seu clímax depois da Segunda Grande Guerra, particularmente a partir dos anos 1960. O modelo de conduta até então dominante se caracterizava pela importância concedida a valores normativos tradicionais como disciplina, obediência e sacrifício que, de maneira geral, orientavam as decisões e ações individuais. Estes ideais de conduta se agrupavam em torno da polaridade permitido/proibido, fundamentada pela lei simbólica, e construída, portanto, a partir de uma experiência coletiva, referência central para o indivíduo moderno (Ehrenberg, 1995, 1998). O não cumprimento dessas normas exemplares, representado pela transgressão, acarretava mal-estar

moral e culpa, expressões subjetivas dramaticamente encenadas na clínica da histeria. Foi a escuta sensível de Freud ao sofrimento histórico que o levou a postular a hipótese do inconsciente e, assim, inaugurar a psicanálise com as neuroses de transferência, cuja emergência atribuiu à incidência do recalque, resposta inusitada ao conflito psíquico.

A partir da segunda metade do século XX, no entanto, e em decorrência da fragilização da referência permitido/proibido, outras condições de subjetivação passaram a vigorar a partir da emergência de novas balizas normativas agora constitutivas da polaridade possível/impossível, oriunda de critérios individuais e dominante na atualidade (Ehrenberg, 1998). Desta forma, o modelo disciplinar de conduta foi contraposto a um conjunto de normas que estimulavam a liberdade e iniciativa individuais, preconizando o direito de escolha livre e individual e a responsabilização de cada um pela condução de sua vida. Intensificou-se, assim, o processo de emancipação do indivíduo, agora libertado das amarras morais tradicionais, e instigado a se tornar agente de sua própria história na busca de sua felicidade como promessa e direito individual (Aubert, 2004), evento até então inédito no contexto da sociedade ocidental. Este movimento emancipatório se fez acompanhar por um dramático deslocamento normativo em que sacrifício, disciplina e culpabilidade deixaram de ser critérios centrais e passaram a conviver com as exigências de autonomia, desempenho competitivo e iniciativa como novos parâmetros norteadores (Ehrenberg, 1995, 1998). O cumprimento destas exigências ideais, no entanto, viu-se gravemente comprometido pela fragilização das referências simbólicas e institucionais que haviam vigorado na Modernidade (Aubert, 2004; Castell, 1998). De fato, se moralidade e tradição já não são mais indicativos da melhor forma de se proceder, por outro lado, as instituições sociais – políticas, religiosas e familiares – que balizaram o trajeto existencial das gerações que nos

Sob a sombra de si: um eu em ruína^{1,2}

Eliane Michelini Marraccini

Um “eu em ruína”³ refere-se ao sério adoecimento psíquico que emerge após perda(s) vivida(s) como devastadora(s), o sujeito se enfrentando com intenso empobrecimento do eu e a derrocada de praticamente tudo o que edificou em sua vida. A incidência deste quadro clínico é marcante na clínica psicanalítica atual, uma dramática e enigmática condição subjetiva que pode se apresentar em organizações psíquicas com distintos traços psicopatológicos. No

1 Este artigo deriva do trabalho anterior “Sem o chão sob os pés” (2010b), apresentado no IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, realizados em Curitiba, PR.

2 Este artigo foi apresentado no 15º Evento do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica da Universidade de São Paulo (USP), “Temas Clínicos em Psicoterapia Psicanalítica”, realizado em outubro de 2011, e publicado nos *Anais* do evento.

3 Conceito desenvolvido a partir de minha tese de doutorado “O eu em ruína: um estudo sobre a perda”, defendida em 2007 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do prof. dr. Manoel Tosta Berlinck.

entanto, sempre diz respeito à incontida hemorragia do eu que produz a ruína em múltiplas áreas do viver.

São flagrantes, nestes sujeitos, os limites de trabalho psíquico – um trabalho de Eros por excelência –, encontrando-se mergulhados na perda e vivendo na sombra do que já foram. São pacientes que representam árduo desafio para o psicanalista e abrigam o risco de comprometer o exercício da função analítica, além de, em última instância, poderem promover o ruir do tratamento, mais um fracasso acumulado em suas vidas.

Fora do contexto clínico, o “eu em ruína” pode ser reconhecido em sujeitos que são consumidos por repetidos e corrosivos fracassos, habitando vidas esvaziadas que se tornaram sem sentido. Muitas vezes podem apresentar sintomas ou doenças que comprometem amplamente sua saúde física, mais uma ruína em suas vidas que poderá conduzi-los ao fim. Infelizmente, muitos deles jamais chegam à procura de tratamento, bem como alguns não conseguem conduzir com êxito o processo psicoterapêutico, tão necessário para seu possível resgate. No entanto, mais promissora, nos casos em que o atendimento pode ter curso, é inquestionável o avanço que pode ser obtido pelo tratamento psicanalítico, tanto no sentido da construção em análise, como no sentido da reversão dos aspectos regressivos que compõem o quadro clínico.

A seguir, alguns excertos de casos clínicos destacam o modo como ocorrem ao tratamento sujeitos que tentam abrir a possibilidade de serem ajudados neste corrosivo percurso em que enveredaram, e do qual não conseguem emergir por si.

Caso Suely

Suely iniciou a primeira entrevista destacando ser publicitária, e assim indicou que se apresentaria sinteticamente, algo como um

Os limites de Eros na melancolia e no luto

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Introdução

A subjetividade humana é um feixe de temporalidades distintas. A vida transcorre em transformação; decrescendo, o exterior desaparece para dar lugar a uma construção interior, a um feixe de memórias conscientes e inconscientes, próximas e distantes. A lousa mágica (Freud, 1925a), um brinquedo no qual é possível inscrever marcas, permite que estas sejam apagadas quando se levanta o filme de celuloide no qual foram registradas. A consciência pode ser comparada à folha de celuloide que se desembaraça do vivido para que as novas marcas possam se inscrever. Fazer o luto do corpo infantil e adolescente, dos primeiros amores, das casas e cidades onde vivemos, é um processo psíquico do qual depende a saúde física e psíquica. O que torna possível entrar em processo de luto e o que leva ao luto impossível da melancolia? O que leva o trabalho de Eros a desorganizar-se, deixando predominar a dinâmica desobjetalizante de Tãatos? São estas questões que me norteiam no

imenso campo de ideias nascidas, nos últimos cem anos, das obras de Freud, Melanie Klein, Winnicott e muitos outros.

A proposta é escutar o que dizem estes autores sobre o luto e a melancolia, para reencontrar aí os cruzamentos fecundos, as raízes, os desdobramentos de uma obra sobre a outra. As autorrecriações do melancólico precisam ser conhecidas por meio de relatos que deixem entrever a dor e a virulência de um imaginário destinado a purificar e a destruir por mecanismos de exclusão tudo aquilo que se tornou insuportável. O filme *Shutter Island*,¹ de Scorsese, servirá como exemplo deste desfecho trágico, quando é impossível processar os acontecimentos terríveis de uma vida. Na melancolia, quando a razão se torna delirante, a ordem peremptória do superego selvagem é: purificar e destruir. Purificar a atribuição de qualidade negativa, separando-a completamente da qualidade positiva, dividir o eu entre um juiz que crê tudo saber e alguém esmagado sob o peso de um julgamento severo. Depois é só tratar-se a si mesmo como objeto de recriações até se tornar o mais abjeto ser do mundo. Vimos um processo comparável, pelo nível de violência dirigida ao outro, em todas as formas de fundamentalismo dos séculos XX e XXI, com os genocídios que disso se originaram. O desejo de elucidar alguns mecanismos responsáveis pela violência da guerra de extermínio total² me levou à releitura do texto “Luto e melancolia” (Freud, 1917) e a algumas reflexões sobre a loucura melancólica.

1 *Shutter Island*, de Martin Scorsese (2009), foi lançado no Brasil com o nome de *Ilha do Medo*.

2 Guerra de extermínio total é o nome que se dá às guerras em que não se diferenciam militares e civis, mas a violência se dirige a toda uma população, indiscriminadamente.

A psicossomática no espectro da psicopatologia psicanalítica

Flávio Carvalho Ferraz

Introdução

A psicossomática psicanalítica foi um desenvolvimento pós-freudiano no espectro da psicanálise. Freud, embora tenha feito algumas menções à problemática das doenças orgânicas e de sua relação com a vida psíquica, não se debruçou sobre este assunto. Deixou para seus sucessores esta tarefa. Groddeck, médico contemporâneo de Freud – de quem este tomou o termo “id” de empréstimo – foi um dos primeiros autores psicanalíticos a se preocupar com o lugar da doença somática na vida psíquica. Ferenczi foi outro analista da primeira geração que também voltou sua atenção para esta problemática.

Apesar destes esforços iniciais no sentido da investigação das relações entre a mente e o corpo, especialmente no aspecto estrito da produção de doenças psicossomáticas, o campo próprio da psicossomática dentro do sistema conceitual e clínico da psicanálise somente mais tarde foi se consolidando: nos Estados Unidos, pelas mãos de Franz Alexander e seus colaboradores, por meio daquele

grupo que passou a ser conhecido como “Escola de Chicago”; e, na França, pelos esforços de Pierre Marty, seus colegas e discípulos do Instituto de Psicossomática (IPSO).

Procurarei delimitar, de modo sucinto, o campo recoberto pelos pontos de referência na obra de Freud que permitiram a abertura ulterior para a construção de um pensamento acerca do sintoma psicossomático. Para tanto, abordarei seus estudos iniciais sobre as neuroses atuais (que já introduziam uma diferença estrutural entre estas e as psiconeuroses), o conceito de *acting out*, a dissociação do ego como processo defensivo, a economia do afeto e, por fim, a pulsão de morte (quando tentarei fazer uma ponte retrospectiva entre tal conceito e as primeiras intuições de Freud acerca do “fator atual” presente nas neuroses atuais).

Neuroses atuais e psiconeuroses¹

Os estudos iniciais de Freud sobre as neuroses ficaram marcados pela distinção que ele fazia entre as chamadas *neuroses atuais* e as *psiconeuroses*. Ocorre que, aos poucos, o conceito de neurose atual foi deixando de aparecer em seus trabalhos, como que sendo colocado à parte do campo propriamente psicanalítico. No entanto, é interessante observar-se, hoje em dia, como muitos dos aspectos por ele descritos como peculiares às neuroses atuais podem se articular com aquilo que se compreende atualmente como campo da psicossomática.

1 Reproduzo aqui extratos de dois textos de minha autoria: “Das neuroses atuais à psicossomática”, publicado na revista *Percurso*, ano 7, (16), 1996; e “A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise”, publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(4), 2007.

Mãe e filha... Uma relação tão delicada...

Maria Helena Fernandes

*Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.*

Drummond de Andrade (1984)

A clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia nos confronta de saída com a questão do corpo, assim como nos coloca diante da especificidade dos processos da adolescência, particularmente em relação às meninas. Essa clínica nos oferece um panorama privilegiado para permitir uma reflexão sobre a complexidade da relação mãe-filha, justamente por colocar em evidência seus aspectos paradoxais.

A questão do corpo na psicanálise me ocupa já há muitos anos. Em meu último livro sobre a anorexia e a bulimia me propus a contribuir para melhor compreender as distorções da imagem corporal, tão comum nesses casos, mas também as vicissitudes

da relação inicial mãe-bebê e sua relação com as identificações e, conseqüentemente, com os ideais, a diferenciação, a autonomia, o tempo e a morte. Assim, minha intenção neste artigo é salientar a especificidade dos processos da adolescência feminina, com o objetivo de propor uma reflexão a respeito das vicissitudes da relação mãe-filha e sua relação com o corpo, particularmente nos casos de anorexia e bulimia.

Nessas patologias, a questão do corpo nos remete de saída à problemática da distorção da imagem corporal, em que se evidencia também ausência de discriminação entre dentro e fora. Tudo se passa como se o corpo próprio não exercesse aí uma de suas funções, que é colocar os limites entre o eu e o outro. Essa dificuldade de discriminação entre dentro e fora, assinala a importância da precariedade das fronteiras entre sujeito e objeto, evidenciada na ausência de autonomia e dificuldade de diferenciação da figura materna. É sobre esse último ponto que me deterei neste texto.

A dupla mãe-filha

Tem sido assinalado que as jovens anoréxicas e bulímicas, quando são indagadas a respeito de algo, frequentemente respondem o que a mãe pensa sobre o assunto. Mesmo que a seguir possam enunciar a própria opinião, embora, na maioria das vezes, de forma vacilante, não deixa de chamar a atenção essa presença marcante da mãe no discurso delas.

É Lígia quem me telefona para marcar sua primeira entrevista; vem sozinha, dirigindo seu próprio carro. Porém, diante da minha tentativa de conhecer sua própria teoria a respeito do que se passava com ela, me diz: “a minha mãe fala que vomito para não engordar, mas a verdade é que não posso suportar tudo aquilo dentro

Questionamentos clínicos: idealizações e possibilidades

*. . . tu caíste do ninho
és um passarinho de garras amarelas
e olhos grandes e fazes-me pena
(a minha mão é larga demais para ti)
e tiro com o dedo uma gota da fonte,
e fico à escuta se tu a sorves sedento,
e sinto bater o teu coração e o meu
e ambos de angústia.*

Rilke (1983)

Na clínica, fica evidente que essas jovens demonstram marcada dependência afetiva de suas mães, que funciona como substrato para a incômoda sensação de que suas ações são apenas respostas à demanda do outro. É como se elas, não identificando seus próprios desejos, não conseguindo diferenciá-los do desejo de suas mães, não experimentassem a sensação de se conduzir por si mesmas. O obstinado programa de regime das anoréxicas, contra tudo e contra todos, parece muitas vezes funcionar como aquilo que elas podem experimentar conduzir por si mesmas, daí o orgulho e o apego a essas estratégias. É interessante notar aqui que a palavra regime contém, em sua etimologia, justamente essa ideia de dirigir.

A esse respeito, enfatiza Scazufca (1998): “a comida, as dietas, o corpo e o peso passam a ocupar um lugar central e único na vida do sujeito, fazendo parte de sua identidade” (p. 23). Essa identidade, porém, parece ancorar-se no vivido corporal em detrimento da atividade imaginária e, principalmente, do contato com os afetos. A função alimentar e a percepção do corpo é que vão, segundo Brusset (1998b), “dar forma concreta e figuração a

fantasmas inconscientes, mais clivados e recusados do que recalcados e, eventualmente, ao irrepresentável dos traços mnêmicos das experiências precoces” (p. 222). Não é à toa, então, que a aparente riqueza da atividade fantasmática não pareça favorecer o enriquecimento da atividade imaginativa e relacional. Conforme vimos, essas jovens se apresentam como se estivessem privadas do seu espaço interno, despossuídas de uma interioridade.

É assim que, na situação analítica as anoréxicas, particularmente, em geral se apresentam com gestos neutros e comedidos, podendo ocupar o tempo das sessões com assuntos anódinos ou com interesses culturais específicos, sem que a apreciação pessoal sobre tais assuntos ou que as questões afetivas entrem em linha de conta. Embora tais momentos não deixem de evidenciar a sensibilidade e fineza dessas jovens, eles se encontram sempre marcados pela restrição: dos assuntos, do envolvimento afetivo, do contato. É a sensibilidade e fineza do analista que deve guiá-lo na aridez desse terreno de contato restrito, oferecendo pouco alimento interpretativo, dosando a conta-gotas o que será oferecido.

Scazufca e Berlinck (2004) salientam que Bruch (1973) enfatizou as dificuldades dessas jovens em aderir a uma análise nos moldes tradicionais, na qual a interpretação do analista revela ao paciente aquilo que ele desconhece sobre si mesmo:

Isso acaba representando, na transferência, a repetição da relação de dependência do paciente com seus pais, como se ele constataste algo como: “minha mãe/analista sempre sabe como me sinto”. Uma interpretação sobre as dificuldades do paciente, no sentido de denunciá-las para ele, compreendendo como se sente, muitas vezes tem efeitos persecutórios, vindo a confirmar e reforçar o seu senso de inadequação e ineficácia. (p. 93)

Responsabilidade e resposta no crime de abuso sexual¹

Maria Teresa de Melo Carvalho

Narcisismo e responsabilidade

Introdução

Numa passagem do texto “A questão da análise leiga”, de 1926, Freud nos apresenta uma reflexão que, embora singela, contém a marca de sua genialidade. Vejamos do que se trata, em suas próprias palavras:

Nas principais estradas da Itália, as torres de cabos de alta tensão trazem a inscrição sucinta e impressionante: “Chi tocca, muore” [Quem tocar, morre]. Isso está perfeitamente calculado para regular o comportamento de transeuntes em relação a quaisquer fios que estejam pendentes. Os avisos alemães correspondentes

1 O presente texto foi apresentado no III Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura, realizado nos dias 5 e 6 de maio de 2011, na Faculdade Milton Campos, em Belo Horizonte, MG.

exibem uma verbosidade desnecessária e ofensiva: “Das Berühren der Leitungsdrähte ist, weil lebensgefährlich, strengstens verboten” [Tocar as linhas de transmissão é, por ser perigoso à vida, rigorosamente proibido]. Qualquer um que tenha amor à vida fará a proibição para si mesmo; e qualquer um que deseja matar-se dessa maneira não pedirá permissão. (Freud, 1926, p. 268)

No texto em que a propõe, tal reflexão lhe serve para tecer considerações a respeito da prática da psicanálise e da necessidade ou não da regulamentação oficial de proibições ou autorizações, regulando essa prática. Mas podemos constatar que essa reflexão, aparentemente simples, tem implicações de maior alcance que irão servir-nos como ponto de partida para nossa argumentação sobre a questão da responsabilidade e da resposta no abuso sexual de crianças. É o que trataremos de desenvolver em seguida.

Ao lançar seu olhar crítico sobre o fenômeno em questão, Freud ressalta que o amor à vida é decisivo para regular o comportamento dos seres humanos em relação a situações que poderiam colocar a vida em risco. Nada mais óbvio, poderíamos dizer. Quais seriam então as implicações de maior alcance decorrentes dessa singela ilustração? Ora, o fragmento analisado por Freud indica-nos que o amor à vida é fundamental para que saibamos conter nosso corpo dentro de um espaço seguro, para que possamos nos manter dentro de certos limites. Ou seja, ele coloca em pauta a ligação existente entre o “amor à vida” e a “interdição”, representada, no fragmento em questão, pela interdição de tocar. Aqui já se evidencia uma ligação estreita entre a responsabilidade – no caso, a responsabilidade pela própria vida – e a interdição. Tendo ressaltado essa ligação, cabe-nos interrogar sobre a concepção de “amor à vida” aí formulada.

Construções e figurabilidade em análise: vias de abertura à representação?

Marta Rezende Cardoso

Raquel Rubim del Giudice Monteiro

A noção de construção foi evocada por Freud, pela primeira vez, em 1918, em “História de uma neurose infantil”. Neste texto, ele afirma que, diante da impossibilidade de o paciente vir a rememorar algumas experiências psíquicas no decorrer da análise, estas deveriam ser construídas. Em “Construções em análise”, de 1937, é retomada a investigação sobre a construção a partir de um estudo aprofundado sobre este dispositivo técnico. Freud destaca o fato de a análise ser um trabalho intersubjetivo a partir do qual a cada uma das partes envolvidas – analista e analisando – caberia uma tarefa distinta que propiciasse a recordação “completa” das experiências vividas, porém esquecidas. Ao analisando caberia recordar; ao analista, caberia “a tarefa de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*” (Freud, 1937, p. 276).

O analista, tendo como base o material trazido pelo paciente no decorrer do processo analítico – como a fala, os sonhos, a repetição agida na transferência –, cria, “constrói” parte da história que não pode ser recordada. Portanto, a construção representa,

na situação analítica, um ato de criação, atribuído ao analista no discurso freudiano. Se constitui criação do analista, que relação a construção teria com o que foi efetivamente vivido pelo paciente?

A construção, em si mesma, não tem mais do que um valor conjectural que “aguarda exame, confirmação ou rejeição” (Freud, 1937, p. 283). Ou seja, a confirmação da “fidelidade” da construção à história do sujeito impedida de ser recordada dependerá da evolução do tratamento. Pelo fato de este instrumento metodológico ser uma intervenção “preliminar” possibilitando o surgimento de novas lembranças, a sua confirmação virá por meio de associações, expressões, recordações ou de qualquer outro “material” que demonstre que ela possibilitou a abertura de novos caminhos de acesso ao inconsciente.

No pensamento freudiano, a construção aparece, então, como uma intervenção do analista, de caráter mais amplo, abstrato e teórico. Em “Construções em análise”, Freud (1937) se preocupa em diferenciar a construção do dispositivo da interpretação. Sublinha que nas descrições sobre a técnica analítica não se encontrava até então muitas referências à construção analítica, e sim à interpretação e seus efeitos. Segundo ele, a interpretação “aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia”; quanto à construção, sustenta que é “quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu” (p. 279).

Comentando as proposições freudianas, Birman (1991) destaca que a construção visa delinear um contexto histórico de origem, isto é, um cenário – inscrito no tempo – que seria o eixo ordenador das diversas estratificações das inserções de sentido, o que justificaria o fato de esse procedimento ser denominado “construção”. Já a interpretação diz respeito ao deslizamento que se realiza fragmentariamente de inscrição em inscrição.

“A sexualidade ampliada no sentido freudiano”:¹ breves considerações sobre psicanálise e direito

Paulo de Carvalho Ribeiro

Preâmbulo

Há alguns anos assistimos a uma grande discussão sobre a existência de novas formas de sofrimento psíquico típicas da época atual e a conseqüente necessidade de dotar a psicanálise com novos recursos conceituais e clínicos capazes de responder a essas mudanças. Entre os desafios a ser enfrentados pelos psicanalistas na atualidade, destaca-se a tarefa de lidar com fenômenos psíquicos cuja descrição metapsicológica e cujo manejo clínico requerem a superação dos limites impostos pela concepção freudiana do sofrimento psíquico neurótico, fundada nas ideias de conflito, recalque e retorno do recalçado. Da mesma forma, os modelos teóricos freudianos e pós-freudianos na abordagem das psicoses, centrados no conceito de *Verwerfung* e na ideia de déficit simbólico, também parecem insuficientes para a compreensão de muitos aspectos dessas novas configurações psicopatológicas. Como parte desse trabalho de

1 Subtítulo da coletânea de textos de Jean Laplanche (2007) intitulada *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*.

reposicionamento teórico e clínico da psicanálise, tem ganhado força uma série de questionamentos sobre os limites da representação relacionados ao trauma (Borges & Cardoso, 2011), às chamadas patologias contemporâneas (Herzog, 2011) e, enfim, a tudo que pode ser englobado sob a designação de não neurose (Minerbo, 2009). O aspecto mais interessante desses questionamentos sobre os limites da representação situa-se, a nosso ver, em sua relação com um questionamento dos limites da sexualidade como dimensão privilegiada na abordagem psicanalítica do sofrimento psíquico. Se para Freud a sexualidade se encontra na origem das neuroses, psicoses e perversões, quando se trata de lidar com fenômenos psicopatológicos como pânico, transtornos alimentares, estados compulsivos, adições, estados depressivos, entre outros, a origem sexual tende a perder força e ser substituída por explicações que privilegiam os conceitos de compulsão à repetição e pulsão de morte, mantendo-os desconectados do sexual. Outra incidência dos questionamentos sobre os limites da representação envolve a própria concepção de inconsciente e pode contribuir para que este também seja desligado do sexual como, por exemplo, na tentativa de associar alguns fenômenos psicossomáticos à existência de um inconsciente amencial (Dejours, 2003), ou seja, um inconsciente que além de não representacional e não sexual seria também não mental.

Diante deste cenário, torna-se fundamental refletir sobre os limites de Eros e principalmente estabelecer uma relação clara entre Eros, o inconsciente e o sexual. Neste sentido, distinguimos duas vertentes de reflexão crítica. Por um lado, vemos como indevida toda tentativa de redução de Eros ao campo do amor, do narcisismo e das pulsões de vida, visto que tal redução nos afasta do sexual no sentido mais propriamente freudiano, ou seja, o sexual polimorfo, fragmentado e muitas vezes antivital. Não ignoramos o fato de que encontramos no próprio Freud vários elementos que favorecem essa redução, mas isso não impede que interpretemos

Morrer em análise¹

Rubens Marcelo Volich

“Sinto que você morreu...”, disse-me Martine, após alguns minutos de silêncio. E ela tinha razão.

Acompanhando seus pensamentos ao longo da sessão, fui subitamente tomado pela dor de uma lembrança insuportável. Capturado, realmente deixara de escutar Martine que, sentindo ter me perdido, apontava-me tê-la abandonado. Resgatado por sua frase, lembrei-me de sua história, de suas dificuldades amorosas, da morte precoce de sua mãe, de sua amargura e de sua agressividade contida, mas frequentemente manifesta, contra aqueles que ela mais amava.

Qualquer um desses caminhos provavelmente poderia tê-la levado a retomar suas associações, sua elaboração, suas próprias lembranças. Porém, era verdadeiro o que sentira. Mais que uma reprodução do passado, era certo que ali, naqueles instantes, no

¹ Uma versão inicial abreviada deste trabalho foi publicada em *Percurso – Revista de Psicanálise*, (38), jun. 2007.

presente, eu efetivamente não pudera estar com ela, investi-la. Morrera.

Insidiosa, marcada por uma dor que não escolhemos, infiltrou-se entre nós não a fantasia, mas a realidade da perda. Sem dúvida, seria mais seguro persistir pelos clássicos caminhos da transferência: lembrara de sua mãe? Desejara sua (minha) morte?... Poderíamos, talvez, esperar que tais interpretações e suas elaborações contribuíssem para o lento trabalho de cicatrização de antigas feridas de Martine. Deixaríamos, no entanto, sangrando o corte daquele abandono que acabávamos de experimentar.

Correndo os riscos que, em tais circunstâncias, a convocação abrupta da realidade pode produzir no espaço transferencial, da ruptura possível que uma interpretação de tal natureza poderia provocar, disse-lhe que, efetivamente, não pudera estar com ela naquele momento. Que fora ela que me trouxera de volta de um lugar que eu não pudera evitar. Entre lágrimas silenciosas, Martine suspirou, aliviada. Não suportaria, disse-me, mais uma mentira em sua vida. Seguimos trabalhando. Por alguns anos...

“Condenados a investir...”

Desde o início da vida, o ser humano é tributário do desejo e do investimento de seu semelhante. Da concepção ao nascimento, dos primeiros aos mais tardios momentos do desenvolvimento, é no contexto libidinal e imaginário das relações nas quais foi concebido que se constitui e se organiza o sujeito, que se moldam seus desejos e destinos. Imaturo ao nascer, apesar de completo do ponto de vista biológico, o bebê não é capaz de sobreviver por si mesmo, dependendo dos cuidados de outro ser humano para que sua vida e seu desenvolvimento sejam possíveis.

Sobre as bordas na clínica com as psicoses e na construção dos objetos no laço mãe-bebê

Silvana Rabello

Um continente que por sua massa desvia os raios luminosos, e que conseqüentemente não pode se ver – desvia as linhas de forças e conseqüentemente não pode se reencontrar – desvia a irradiação conceitual e conseqüentemente não pode se conceber...

É por pura analogia que podemos pressenti-lo, por pura adivinhação que podemos a ele recorrer, ele existe apenas com os olhos fechados, como um fantasma lisérgico sobre a retina ou as pálpebras. Mas basta fixá-lo um breve momento para fazê-lo emitir uma irradiação complementar.

Baudrillard (1995)

Na clínica psicanalítica junto às psicoses, adulto ou criança, encontra-se um laço peculiar entre estes e seus pais, marcado pela ausência de bordas necessárias para que seja configurada a dimensão de alteridade. Sem estas, são muitas as peculiaridades a que ficam submetidos, tanto a organização dos laços sociais, como o lugar nas instituições culturais por onde circulam.

Por *ausência de bordas* entende-se um laço marcado por seu caráter intrusivo naquilo que se entende o corpo de um e de outro, ou desejos, pontos de vista, angústias de um e outro, tornando cotidiano o que consideramos culturalmente transgressivo.

Pode-se dizer que não se trata exatamente de um laço, mas de um nó, daqueles impossíveis de desatar. *Sem bordas*, um e outro não têm clareza de seus limites e constroem suas vidas como uma só. Como nó, não se desenlaça e se reenlaça com facilidade para se enredar na trama social. Acabam por construir uma lógica e código próprios, linguístico e ético e, por consequência, uma dimensão de exclusão social e cultural, ainda que não convivam mais diariamente.

Mesmo que *as bordas*, cotidianamente, não sejam tão claras para qualquer um, porque são subjetivas e não objetivas, temos um saber sobre elas, a ponto de se construir uma ética compartilhada, reguladora das relações e leis que marcam os limites, a ponto de se discutir ideias como intrusão, exclusão, invasão, violação, transgressão ou desrespeito.

Trata-se do horror à transgressão que define a neurose, que a determina, gerando conflitos na forma de sintomas – seus pilares de sustentação –, constituídos a partir dos laços primordiais, por meio do recalque que também inscreve a história familiar pelas interdições e pelos limites inevitáveis de um sobre o outro. Constroem-se, assim, *bordas*, que passam a delinear as dimensões de “eu” e “outro” como objetos na dimensão da alteridade. Ou não.

A organização neurótica é ameaçada frente ao nó, por ter renunciado a ele em nome de outra lógica subjetiva, da alteridade, tornando-se, o nó, uma opacidade de ordem especial. As palavras não circulam nesta dinâmica, pois não são reconhecidas as posições de interlocução indiscutíveis na lógica neurótica.



Esta coletânea está voltada para distintas situações clínicas nas quais se coloca a questão dos limites do trabalho psíquico, trabalho de Eros. Os artigos que a compõem contemplam, de forma integrada, elementos teóricos e clínicos relativos a vivências subjetivas que envolvem dificuldade quanto à capacidade de ligação e de representação.

Essa problemática é elaborada não somente pelo viés da dinâmica pulsional, mas também da dinâmica das relações objetais e, particularmente, a partir do plano da relação transferencial. Ou seja, são explorados diferentes fenômenos que nos interrogam sobre os limites de Eros inclusive ante os desafios que colocam à clínica psicanalítica, tendo em vista a singularidade de seu manejo. A questão dos limites do trabalho psíquico nas configurações subjetivas que parecem marcar a atualidade é também objeto de análise em vários textos desta coletânea.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-123-9

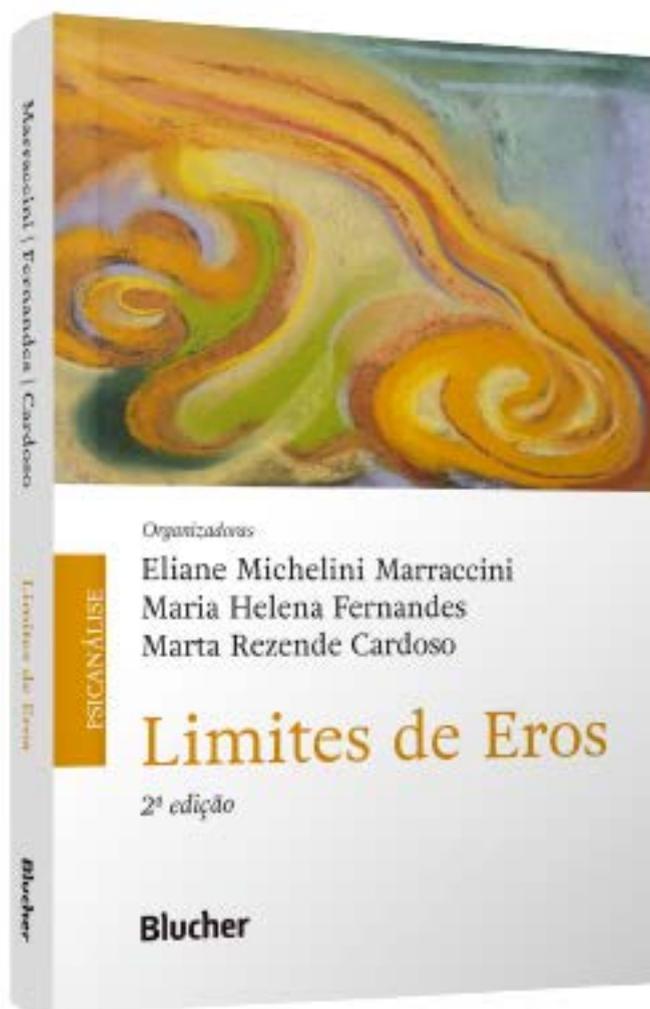


9 786555 061239



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Limites de Eros

Eliane Michelini Marraccini, Maria Helena Fernandes, Marta Rezende Cardoso

ISBN: 9786555061239

Páginas: 254

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
